

“ÁGUAS PROFUNDAS SÃO AS PALAVRAS DOS POETAS”:

LUUANDA E LUANDINO

Francisco Topa

Passam agora, neste preciso mês de outubro, 50 anos da publicação de *Luuanda*, por iniciativa do *ABC – Diário de Angola*, responsável pela organização do prémio Mota Veiga que distinguiu no ano anterior essa obra de José Luandino Vieira. Atendendo à importância do livro (um inequívoco clássico da literatura angolana e da literatura de língua portuguesa), aos acontecimentos que o rodearam e à estatura (literária, mas também cívica) do seu autor seria de esperar uma celebração condigna da efeméride, em Angola, em Portugal, em Cabo Verde e noutros espaços onde se fala português. Tudo parece contudo indicar que meio século não foi suficiente para que todos, angolanos e portugueses, reconheçamos a superioridade da obra e do autor e a existência de uma ferida – para retomar a imagem de Ana Paula Tavares – que deve ser fechada.

A “memória ferida” é o resultado de um dos mais nefandos processos da moderna história literária luso-angolana, conhecido nos seus contornos gerais: na sequência da atribuição a *Luuanda*, em maio de 1965, do prémio de novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, numa altura em que o autor cumpria uma longa pena de prisão política no rebatizado Campo de Trabalho de Chão Bom, no Tarrafal, o regime lançou uma violenta e bem orquestrada campanha na imprensa (da metrópole e das províncias ultramarinas) contra a SPE, contra o júri, mas sobretudo contra o escritor e o livro.

Mas mais importante que o regresso ao passado é a celebração de um autor vivo – e ativo – e de uma obra que se mantém em circulação e que continua a suscitar novas leituras. Com várias edições em Portugal e em Angola (onde foi há pouco incluído na coleção dos «11 clássicos da literatura angolana», distinção quase anu-

lada pelo insípido trabalho editorial), *Luuanda* foi também publicado duas vezes no Brasil e conta com um pouco habitual número de traduções: foi integralmente vertido para russo, sueco, inglês, italiano, espanhol e polaco e alguma(s) das histórias estão também disponíveis em alemão, checo, dinamarquês e francês. Mais numerosos ainda são os estudos que tem suscitado, a um ritmo que parece ter diminuído nos anos mais recentes, em parte pela menor exposição do seu autor, em parte pelo modo como as nossas universidades se vêm rendendo ao imediato e à novidade, mesmo que só aparente. Seja como for, é hoje consensual o reconhecimento do papel fundador de *Luuanda* na ficção angolana: pela invenção de uma língua literária (que ainda hoje, pelos mesmos ou outros motivos de há 50 anos, os menos avisados estranham ou rejeitam) e pela reformulação do esquema narrativo do conto – duas conquistas de que todos os novos autores, de uma maneira ou de outra, são devedores. Além disso, e não é este o motivo menos importante, *Luuanda*, trazendo para primeiro plano o homem e a mulher da Angola colonial, apresenta-os como seres humanos de todos os lugares e de todos os tempos. Na verdade, para além da denúncia da violência, da injustiça, da exploração, da privação de que são vítimas os pobres habitantes dos musseques luandenses, cada uma das três histórias nos coloca perante personagens, situações e problemas que estão acima das circunstâncias: a consciência de si, os sentimentos de vergonha e de culpa, o conceito de propriedade, a relação com o outro.

Na primeira história, Vavó Xíxi, entre outros valores, representa igualmente alguém que atingiu o supremo bem, a liberdade, tal como Nietzsche a define no aforismo 275 do livro III de *A gaia ciência*: «Qual o emblema da liberdade alcançada? – Não mais envergonhar-se de si mesmo.». Nesse sentido, o final do conto representa um novo começo, em que Xíxi e Zeca – nomes cujas iniciais constituem as últimas letras do alfabeto latino –, num mundo pós-Éden, mas também pós-culpa, se têm um ao outro e isso lhes basta. Haverá talvez aqui alguma analogia com *O Guarani* do brasileiro José de Alencar: embora este não seja um casal do mesmo tipo, as idades extremas de cada um dos seus membros parecem conter a mesma ideia de totalidade, de ómega e alfa. Além disso, Xíxi é também diminutivo de *Cecília* e está muito próximo de *Ceci*.

O segundo conto destaca-se pela magistral sugestão de que margem e centro, inocência e culpa, desprezo e afeição, prezo e carcereiro são pontos muito próximos e posições reversíveis, ao passo que o último parece defender – através de uma encenação que só em aparência é cómica – que a partilha é a solução para os pro-

blemas resultantes da propriedade e que só se chega lá voltando atrás, à maternidade, ao ovo.

Muitos dos admiradores de Luandino Vieira lamentarão que um autor que aos 28 anos revelava esta capacidade de análise e de reflexão sobre o ser humano e o mundo, acompanhada de uma enorme coragem para inovar; que um autor que pouco mais tarde escreveria obras do nível de *Velhas estórias*, *Nós, os do Makulusu*, *João Vêncio: os seus amores* ou *Macamdumba*, tenha depois passado tanto tempo em silêncio. Para esses as fábulas para crianças que vem publicando – e ilustrando – nos últimos anos e os geniais (mas mal percebidos) *O livro dos rios* e *O livro dos guerrilheiros* são um magro consolo. Virá contudo o tempo em que se tornará mais claro para todos que a obra de Luandino Vieira não é mais extensa nem mais *en-corpada* porque não pode ser; porque, nas suas próprias palavras, *águas profundas são as palavras dos poetas*.